

PATRICIA HIGHSMITH

# RIPLEY DEBAIXO D'ÁGUA

*Tradução*

Isa Mara Lando



Copyright © 1991 by Patricia Highsmith

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Ripley under water

*Capa*

Jeff Fisher

*Preparação*

Marcos Luiz Fernandez

*Revisão*

Larissa Lino Barbosa

Renato Potenza Rodrigues

*Atualização ortográfica*

Verba Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Highsmith, Patricia.

Ripley debaixo d'água / Patricia Highsmith ; tradução Isa Mara Lando. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

Título original: Ripley under water.

ISBN 978-85-359-2330-8

1. Ficção norte-americana I. Título.

13-09255

CDD-813

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

2013

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

**TOM ESTAVA NO CAFÉ** de Georges e Marie com uma xícara quase cheia de café espresso na mão. Já tinha pago, e os dois maços de Marlboro para Héloïse se avolumavam no bolso do paletó. Em pé, assistia a um jogo numa máquina de fliperama.

A tela mostrava um motociclista de desenho animado se arrojando em direção ao fundo, a ilusão de velocidade criada por uma cerca que vinha avançando dos dois lados da estrada. O jogador manipulava um meio volante, fazendo o motoqueiro ultrapassar um carro mais lento, ou saltar como um cavalo por cima de um muro que surgia de repente no meio da estrada. Se o motociclista (jogador) não saltasse a tempo, havia um impacto silencioso, aparecia uma estrela negra e dourada indicando uma colisão, o motoqueiro se acabava e o jogo também.

Tom tinha assistido a esse jogo muitas vezes (era o mais popular do café), mas nunca tinha jogado. Por algum motivo, não queria.

“*Non-non!*” De trás do balcão veio a voz cantada de Marie por cima da barulheira de costume, contestando a opinião de algum freguês, provavelmente política. Ela e seu marido eram convictos cidadãos de esquerda. “*Écoutez: Mitterand...*”

Passou pela cabeça de Tom que Georges e Marie não gostavam, porém, da imigração de africanos do Norte:

“*Eh, Marie, deux pastis!*” Era o gordo Georges com um avental branco meio sujo, por cima da camisa e da calça, servindo as poucas mesas, onde os fregueses bebiam e ocasionalmente comiam batatas fritas e ovos cozidos.

A *juke-box* tocava um velho cha-cha-chá.

Uma silenciosa estrela negra e dourada! Os espectadores deram um gemido de solidariedade. Mono. Tudo acabado. A

tela piscou sua mensagem silenciosa, obcecada, INSERIR MOEDAS INSERIR MOEDAS INSERIR MOEDAS, e o operário de jeans obedientemente remexeu num bolso, inseriu mais moedas e o jogo recomeçou, o motociclista em plena forma, chispando para o fundo, pronto para qualquer coisa, desviando-se com perícia de um barril que apareceu na pista, saltando suavemente a primeira barreira. O sujeito na direção estava atento, decidido a fazer seu homenzinho chegar até o final.

Tom pensou em Héloïse, na viagem dela para o Marrocos. Queria visitar Tânger, Casablanca, talvez Marrakesh. E Tom tinha concordado em ir com ela. Afinal, não era uma das expedições aventureiras que ela inventava, que exigiam tomar vacinas em hospitais antes de partir, e competia a ele, como seu marido, acompanhá-la em algumas de suas viagens. Héloïse tinha duas ou três inspirações por ano, e nem todas punha em prática. Tom não estava com vontade de tirar férias agora. Era início de agosto, o Marrocos estaria no auge do calor, e ele adorava suas próprias dalias e peônias nesta época do ano, tinha o maior prazer em cortar duas ou três flores frescas para a sala quase todos os dias. Gostava do seu jardim, e também gostava bastante de Henri, o faz-tudo, que o ajudava nas tarefas maiores, um gigante quando se tratava de força bruta, embora não o homem certo para outras tarefas.

E havia o Estranho Casal, como Tom começara a chamá-los em particular. Não sabia ao certo se eles eram casados, e naturalmente isso não tinha importância. Sentia que os dois estavam ali na área, e de olho nele. Talvez fossem inofensivos, mas quem sabe? Tom tinha reparado neles pela primeira vez um mês atrás, mais ou menos, em Fontainebleau, certa tarde, fazendo compras com Héloïse: um homem e uma mulher que pareciam americanos, na casa dos trinta, vindo em sua direção, fitando-o com aquele olhar que ele já conhecia bem, como se soubessem quem ele era, talvez soubessem o seu nome, Tom Ripley. Tom já vira aquele mesmo olhar algumas vezes em aeroportos, embora raramente, e não nos últimos tempos. Isso pode acontecer depois que o retrato da gente sai nos jornais,

supôs, mas o retrato de Tom não saía em jornal nenhum havia anos, disse ele tinha certeza. Não depois do caso Murchison, e isso fora uns cinco anos atrás — Murchison, cujo sangue ainda manchava o chão da adega de Tom, mancha que ele dizia ser de vinho, se alguém notava.

Na verdade era uma mistura de vinho com sangue, Tom sempre se lembrava, já que Murchison levava uma pancada na cabeça com uma garrafa de vinho. Uma garrafa de Margaux empunhada por Tom.

Bem, o Estranho Casal. *Crash*, fez o motoqueiro. Tom voltou-se e levou sua xícara vazia até o balcão.

O homem do Estranho Casal tinha cabelo liso, castanho-escuro, e usava óculos de aro redondo; a mulher tinha o cabelo castanho-claro, o rosto esguio e os olhos cinzentos, ou cor de avelã. Era o homem quem sempre o fitava, com um sorriso vago e vazio. Tom teve a impressão de que talvez já o tivesse visto num aeroporto, Heathrow ou Roissy, lançando-lhe aquele olhar de conheço-a-tua-cara. Nada de hostil, mas ele não gostava.

Depois disso vira os dois passando devagar de carro pela rua principal de Villeperce ao meio-dia, quando ele ia saindo da padaria com uma *baguette* (devia ser o dia de folga de madame Annette, ou ela estava ocupada com o almoço), e mais uma vez os tinha visto olhando para ele. Villeperce era uma cidadezinha minúscula, a vários quilômetros de Fontainebleau. Por que será que o Estranho Casal viera parar aqui?

Tanto Marie, com seu grande sorriso vermelho de batom, como Georges, com sua careca avançada, estavam atrás do balcão quando Tom empurrou sua xícara e pires. “*Merci et bonne nuit, Marie... Georges!*”, despediu-se Tom com um sorriso.

“*Bon soir, m’sieur Ripley!*”, disse Georges, uma mão dando adeus, a outra servindo um Calvados.

“*Merci, m’sieur, à bientôt!*”, disse Marie.

Tom já estava quase na porta quando entrou o homem do Estranho Casal, de óculos redondos e tudo, aparentemente sozinho.

“Senhor Ripley?” Seus lábios rosados mais uma vez ostentavam um sorriso. “Boa noite.”

“Boa noite”, disse Tom, saindo.

“Nós — minha mulher e eu — podemos convidar você para um drinque?”

“Obrigado, já estou indo embora.”

“Então outra hora, quem sabe. Nós alugamos uma casa em Villeperce. Nessa direção.” Fez um gesto vago para o norte, e seu sorriso alargou-se, revelando uns dentes quadrados. “Pelo jeito vamos ser vizinhos.”

Duas pessoas chegaram naquele momento e Tom teve de dar um passo atrás, entrando de novo no bar.

“Meu nome é Pritchard. David Pritchard. Estou fazendo um curso no Instituto de Educação de Fontainebleau — o INSEAD. Você deve conhecer. Bem, minha casa é uma branca, de dois andares, com jardim e um laguinho. Aliás, nós nos apaixonamos por ela justamente por causa do lago, os reflexos no teto — a água.” Deu uma risadinha.

“Sei”, disse Tom, tentando uma voz razoavelmente agradável. Agora já estava na calçada.

“Eu telefono. O nome da minha mulher é Janice.”

Tom conseguiu acenar com a cabeça e forçar um sorriso. “Certo, está bem. Ligue mesmo. Boa noite.”

“Não tem muitos americanos por aqui!”, gritou atrás dele o decidido David Pritchard.

O senhor Pritchard vai ter que dar duro para encontrar meu número, pensou Tom, já que ele e Héloïse tinham conseguido ficar fora da lista telefônica. Aquele David Pritchard, exteriormente inosso — quase tão alto quanto Tom e um pouco mais pesado —, pelo jeito ia dar trabalho, pensou, enquanto ia caminhando para casa. Agente da polícia ou algo assim? Desencavando velhos arquivos? Detetive particular a serviço de — de quem, na verdade? Tom não conseguia pensar em nenhum inimigo ativo. Falso era a palavra que lhe ocorria para David Pritchard: sorriso falso, boa vontade falsa, talvez história falsa sobre o INSEAD. Essa escola em Fontainebleau poderia ser

uma fachada, aliás uma fachada tão óbvia que Tom pensou que poderia mesmo ser verdade que Pritchard estava fazendo algum curso lá. Ou talvez os dois não fossem marido e mulher, mas sim um par de agentes da CIA. Por que será que os Estados Unidos haveriam de estar atrás de mim?, pensou Tom. Não pelo imposto de renda, isso estava em ordem. Murchison? Não, esse caso estava resolvido. Ou abandonado. Murchison e seu cadáver tinham desaparecido. Dickie Greenleaf? Difícil. Até mesmo Christopher Greenleaf, primo de Dickie, lhe mandava de vez em quando um postal amigável, de Alice Springs no ano passado, por exemplo. Christopher era agora engenheiro civil, casado, trabalhando em Rochester, Nova York, pelo que Tom se lembrava. Tom estava em boas relações até mesmo com o pai de Dickie, Herbert. Pelo menos, trocavam cartões de Natal.

Enquanto Tom se aproximava da grande árvore em frente a Belle Ombre, com seus galhos inclinados sobre a rua, seu ânimo melhorou. Que motivo havia para se preocupar? Abriu o grande portão só o suficiente para se esgueirar, bateu-o com o mínimo de barulho, fechou o cadeado e em seguida o trinco.

Reeves Minot. Tom estacou de repente, rangendo os sapatos no cascalho da entrada. Este era um trabalho para Reeves. Reeves havia telefonado alguns dias atrás. Já muitas vezes Tom decidira não fazer mais esse serviço, mas depois acabava aceitando. Será porque gostava de conhecer gente nova? Deu uma risadinha quase inaudível e continuou andando até a porta da frente, com seu costumeiro passo leve que quase não deslocava o cascalho.

A luz estava acesa na sala e a porta da frente destrancada, como Tom a deixara havia quarenta e cinco minutos. Ele entrou e trancou a porta atrás de si. Héloïse estava sentada no sofá lendo atentamente uma revista, provavelmente um artigo sobre o Norte da África, pensou ele.

“Alô, querrido, Reeves telefonou”, disse Héloïse, levantando os olhos e jogando seu cabelo loiro para trás com um gesto de cabeça. “Tómm, você...”

“Sim. Pegue!” Sorrindo, Tom lhe atirou o primeiro maço

vermelho e branco; depois o segundo. Ela apanhou o primeiro, o segundo bateu em sua blusa azul. “Que é que manda o Reeves? Algum rio? *Rivière?*”

“Ah, Tómm, pare com isso!”, disse Héloïse, acendendo um cigarro com seu isqueiro Dunhill. No íntimo ela bem que gostava dos seus trocadilhos, pensou Tom, se bem que ela nunca lhe dissesse isso, e mal se permitisse sorrir. “Ele vai telefonar de novo, mas talvez não hoje.”

“Alguém... bem...”, Tom interrompeu-se, pois Reeves não entrava em detalhes com Héloïse, nunca, e ela afirmava não ter interesse, e até mesmo se chatear, com os afazeres de Tom e Reeves. Era mais seguro assim: quanto menos ela soubesse, melhor. Era o que Tom supunha que Héloïse pensava. E quem poderia dizer que não era verdade?

“Tómm, amanhã vamos comprar as passagens para o Marrocos. Tudo bem?” Estava descalça, com os pés dobrados no sofá de seda amarela, como um gatinho confortável, e olhava para ele calmamente com seus olhos claros, cor de lavanda.

“S-sim. Tudo bem.” Lembrou que tinha prometido. “Primeiro vamos de avião até Tânger.”

“*Oui, chéri*, e de lá continuamos. Casablanca, é claro.”

“É claro”, Tom repetiu. “Certo, querida, vamos comprar as passagens amanhã, em Fontainebleau.” Iam sempre à mesma agência de turismo, onde conheciam o pessoal. Tom hesitou, depois resolveu falar. “Querida, você se lembra daquele casal, aqueles dois com cara de americanos que nós vimos em Fontainebleau um dia, na calçada? Vindo na nossa direção, e depois eu disse que estavam olhando para nós? Um homem moreno de óculos?”

“Acho... que sim. Por quê?”

Tom viu que ela se lembrava, “Porque ele acaba de falar comigo no café.” Tom desabotoou o paletó e enfiou as mãos nos bolsos da calça. Ainda não tinha se sentado. “Eu não gosto dele.”

“Lembro da mulher que estava com ele, uma de cabelo mais claro. Americanos, *non?*”



“Ele, pelo menos, é. Bem... eles alugaram uma casa aqui em Villeperce. Lembra-se daquela casa do...”

“*Vraiment?* Villeperce?”

“*Oui, ma chère!* A casa onde a água do lago faz reflexo no teto da sala de estar?” Ele e Héloïse já tinham se maravilhado com aquela forma oval que se movia como água no teto branco.

“Sim. Lembro-me da casa. Branca, de dois andares, com uma lareira não muito bonita. Não fica longe da casa dos Grais, não é mesmo? Alguém que estava conosco pensou em comprá-la.”

“Sim. Isso mesmo.” Um americano, conhecido de um conhecido, procurando uma casa de campo não muito longe de Paris, pedira a Tom e Héloïse que o acompanhassem enquanto ele examinava umas duas ou três casas na vizinhança. Não tinha comprado nada, pelo menos não perto de Villeperce. Isso acontecera havia mais de um ano. “Bem, indo ao que interessa, esse sujeito moreno de óculos quer dar uma de bom vizinho comigo, ou conosco, e eu não vou aceitar. Só porque nós falamos inglês, ou americano, *ho-ho!* Parece que ele tem algo a ver com o INSEAD, aquela escola grande perto de Fontainebleau. Em primeiro lugar, como é que ele sabe o meu nome, e por que está tão interessado?” Para não parecer muito preocupado, Tom sentou-se calmamente. Ficou de frente para Héloïse, sentado numa cadeira de espaldar reto, com a mesa de café entre os dois. “David e Janice Pritchard é o nome deles. Se eles conseguirem telefonar, nós... respondemos com educação, mas estamos ocupados. Certo, querida?”

“Claro, Tómm.”

“E se eles tiverem a coragem de tocar a campainha, não vamos deixá-los entrar. Vou avisar madame Annette, pode ter certeza.”

A frente de Héloïse, sempre tranquila, tornou-se pensativa. “O que há com eles?”

A simplicidade da pergunta fez Tom sorrir. “Tenho uma sensação...” Tom hesitou. Em geral não falava com Héloïse sobre suas intuições, mas neste caso poderia protegê-la se falasse. “Eles não me parecem normais.” Tom abaixou os olhos

para o carpete. O que significa ser normal? Ele não saberia responder a essa pergunta. “Tenho a sensação de que eles não são casados.”

“E... e daí?”

Tom riu, alcançou o maço azul de Gitanes na mesa de café e acendeu um com o isqueiro Dunhill de Héloïse. “É verdade, minha querida. Mas por que eles estão de olho em mim? Já não lhe falei que acho que me lembro do mesmo homem, talvez o casal, olhando fixo para mim em algum aeroporto, não faz muito tempo?”

“Não, você não falou”, disse Héloïse, parecendo ter certeza.

“Não estou dizendo que é importante, mas proponho que a gente trate esses dois com educação e distância se eles tentarem se aproximar. Certo?”

“Sim, Tómm.”

Ele sorriu. “Já houve outros de quem a gente não gostava. Não é um grande problema.” Tom levantou, deu a volta na mesa de café e puxou Héloïse pela mão que ela lhe estendia. Abraçou-a, fechou os olhos e saboreou a fragrância do seu cabelo, da sua pele. “Eu te amo. Quero você em segurança.”

Ela riu. Os dois se soltaram. “Belle Ombre parece um lugar *muito* seguro.”

“Eles não vão botar os pés aqui.”

**NO DIA SEGUINTE** Tom e Héloïse foram a Fontainebleau comprar suas passagens, que eram da Royal Air Maroc, como ficaram sabendo, embora tivessem pedido Air France.

“As duas são interligadas”, disse a moça da agência de viagens, uma funcionária nova que Tom não conhecia. “Hotel El Minzah, quarto de casal, três noites?”

“Hotel El Minzah, isso mesmo”, disse Tom em francês. Tinha certeza de que poderiam ficar mais um ou dois dias, se estivessem se divertindo. O Minzah tinha a fama de ser o melhor de Tânger no momento.

Héloïse tinha ido até uma loja próxima para comprar xampu. Tom viu-se olhando de esguelha para a porta durante o longo tempo que a moça levou preenchendo as passagens, e percebeu que estava pensando vagamente em David Pritchard. Mas na verdade não esperava que ele fosse entrar. Pois Pritchard e sua companheira não estavam ocupados instalando-se na casa nova?

“O senhor já esteve no Marrocos, m’sieur Ripley?”, perguntou a moça, erguendo o rosto sorridente enquanto enfiava a passagem num grande envelope.

O que ela tem com isso?, pensou Tom. Devolveu-lhe um sorriso educado. “Não. Estou ansioso para ir.”

“Volta em aberto. Assim, se o senhor se apaixonar pelo país pode ficar um pouco mais.” Passou-lhe outro envelope com a segunda passagem.

Tom já tinha assinado um cheque. “Certo. Obrigado, mademoiselle!”

*“Bon voyage!”*

*“Merci!”* Tom foi até a porta, que era ladeada por duas pa-

redes de pôsteres coloridos — o Taiti, o mar azul, um barquinho a vela, e ali — sim! — o pôster que sempre o fazia sorrir, ao menos interiormente: Phuket, uma ilha no litoral da Tailândia, pelo que Tom se lembrava, e já tinha se dado ao trabalho de procurar. Este pôster também mostrava um mar azul, uma praia dourada, uma palmeira inclinada sobre a água, retorcida por anos de vento contínuo. Nem uma alma à vista. “Teve um dia ruim — ou um ano ruim? *Phuket!*”<sup>\*</sup> Poderia ser um bom convite, pensou ele, atraindo quantidades de turistas.

Como Héloïse tinha combinado esperá-lo na loja, Tom seguiu para lá, virando à esquerda na calçada. A loja ficava em frente à igreja de Saint Pierre.

E ali — Tom ia soltar um palavrão, mas mordeu a ponta da língua —, à sua frente, vindo na sua direção, estavam David Pritchard e sua... concubina? Tom os viu primeiro, através do fluxo de pedestres que se adensava (era meio-dia, hora do almoço), mas em segundos o Estranho Casal já se fixava nele. Tom olhou para outro lado, e se aborreceu pensando que o envelope com a passagem aérea continuava na sua mão esquerda, visível do lado deles. Será que os Pritchard iriam notar? Será que passariam de carro por Belle Ombre, e explorariam a estrada ao lado, quando tivessem certeza de que ele estava ausente por um tempo? Ou será que estava se preocupando demais, absurdamente? Tom apressou o passo nos últimos metros até as vitrines douradas da Mon Luxe. Antes de passar pela porta aberta, parou e olhou para trás, para ver se o casal continuava olhando para ele, ou até mesmo se entrava na agência de viagens. Não me surpreenderia nem um pouco, pensou Tom. Viu os ombros largos de Pritchard, em seu blazer azul, um pouco acima dos transeuntes, viu sua nuca. Pelo jeito, o Estranho Casal ia passando reto pela agência de viagens.

Tom entrou no ambiente perfumado da Mon Luxe, onde Héloïse conversava com uma conhecida cujo nome ele esquecera.

<sup>\*</sup> *Phuket*: pronunciado, em inglês, como *fuck it* (foda-se). (N. E.)

“Alô, Tómm! É Françoise, lembra? Amiga dos Berthelin.”

Tom não se lembrava, mas fingiu que sim. Não tinha importância.

Héloïse já fizera suas compras. Saíram; depois de um *au revoir* para Françoise, que, segundo Héloïse, estava estudando em Paris e também conhecia os Graís. Antoine e Agnès Graís eram velhos amigos e vizinhos, que moravam na parte norte de Villeperce.

“Você parece preocupado, *mon cher*”, disse Héloïse. “Tudo certo com as passagens?”

“Acho que sim. Hotel confirmado”, disse Tom, dando uma palmada no bolso esquerdo do paletó, onde apareciam as passagens. “Vamos almoçar no L’Aigle Noir?”

“Ah... *oui*”, disse Héloïse, contente. “Vamos, *clarro*.”

Era o que eles tinham planejado. Tom gostava de ouvi-la dizer “*clarro*”, com seu sotaque, e tinha parado de tentar corrigir-lhe a pronúncia.

Almoçaram no terraço, ao sol. Os garçons e o *maître* os conheciam, sabiam que Héloïse gostava de Blanc de Blanc, filé de linguado, luz do sol, salada, provavelmente de endívias. Conversaram sobre coisas agradáveis: o verão, artesanato marroquino, bolsas de couro. Talvez uma caneca de bronze ou cobre? Por que não? Um passeio de camelo? A cabeça de Tom flutuava. Já tinha feito isso, pensou, ou será que foi num elefante no jardim zoológico? Ser levantado de repente vários metros acima do chão (onde com certeza iria despencar se perdesse o equilíbrio) não era do seu gosto. As mulheres adoravam. Será que as mulheres são masoquistas? Será que isso faz sentido? O parto, uma estoica tolerância à dor? Será que isso tudo se concatenava? Tom mordeu o lábio.

“Você está *nerrroso*, Tom.”

“Não”, disse ele enfaticamente.

E obrigou-se a ficar calmo durante o resto da refeição, e também no carro de volta para casa.

Deviam partir para Tânger dentro de duas semanas. Um rapaz chamado Pascal, amigo de Henri, o faz-tudo, iria com

eles no carro de Tom até o aeroporto e traria o veículo de volta até Villeperce. Pascal já fizera isso antes.

Tom levou uma pá para o jardim e começou a arrancar um pouco de mato, também com as mãos. Tinha trocado de roupa, estava agora de calça Levis e com seus sapatos prediletos, de couro impermeável. Enfiou o mato num saco de plástico destinado ao adubo, e começou a cortar fora as flores mortas. Estava fazendo isso quando madame Annette o chamou da varanda de trás.

*“M’sieur Tómm? Téléphone, s’il vous plaît!”*

*“Merci!”* Enquanto caminhava, foi estalando com força a tesoura de podar. Deixou-a na varanda e atendeu o telefone no hall, “Alô?”

“Alô, aqui é... é Tom?”, perguntou uma voz de rapaz.

“Sim.”

“Estou telefonando de Washington, DC.” Surgiu um *uuuuuuuu*, um som de interferência como se vindo de debaixo d’água. “Eu sou...”

“Quem está falando?”, perguntou Tom, sem conseguir entender nada. “Espere um momento, sim? Vou atender no outro telefone.”

Madame Annette estava passando o aspirador perto da mesa de jantar, a uma distância razoável para um telefonema normal, mas não este.

Tom atendeu em cima, no seu quarto. “Alô, estou aqui de novo.”

“Aqui é Dickie Greenleaf”, disse a voz do rapaz. “Lembra-se de mim?” Uma risadinha.

Tom sentiu um impulso de desligar, que não durou muito. “É claro. E onde você está?”

“Washington, DC, como eu já disse.” Agora a voz soava um pouco em falsete.

Esse impostor já está exagerando, pensou Tom. Será uma mulher? “Interessante. Está fazendo turismo?”

“Bem... depois da minha experiência debaixo d’água, como você se lembra — talvez —, não estou em muito boa forma fí-

sica para fazer turismo.” Uma risada de alegria falsa. “Eu estava... estava...”

Houve uma confusão, a linha quase caiu, ouviu-se um clique, mas a voz continuou.

“...fui encontrado e ressuscitado. Como você está vendo. Ha-ha. A gente nunca esquece os velhos tempos, hein, Tom?”

“Ah, não, não esquece mesmo”, respondeu Tom.

“Agora estou numa cadeira de rodas”, disse a voz. “Dano irreparável...”

Entrou mais barulho na linha, como de uma tesoura caindo, ou algo maior.

“Sua cadeira de rodas caiu?”, perguntou Tom.

“Ha-ha!” Uma pausa. “Não. Eu estava dizendo”, continuou calmamente a voz adolescente, “dano irreparável para o sistema nervoso autônomo.”

“Sei”, disse Tom educadamente. “Que bom ter notícias suas.”

“Eu sei onde você *mora*”, disse a voz juvenil, subindo de tom na última palavra.

“Imagino que sim, já que você telefonou. Desejo a você toda saúde... uma boa recuperação.”

“Tem mesmo que desejar! Até logo, Tom.” E o sujeito desligou, às pressas, talvez para cortar uma risadinha irreprimível.

Bem, bem, pensou Tom, percebendo que seu coração estava batendo mais rápido que o normal. Devido à raiva? Surpresa? Não era medo, disse a si mesmo. O que lhe saltava à mente é que a voz talvez fosse da companheira de David Pritchard. Quem mais poderia ser? Não lhe ocorria mais ninguém no momento.

Que brincadeira estúpida, mórbida. *Doente mental*, pensou Tom, o velho clichê. Mas quem? E por quê? Será que o telefone-ma fora mesmo internacional ou era fingimento? Tom não tinha certeza. Dickie Greenleaf. O começo dos seus problemas, pensou. O primeiro homem que Tom havia matado, e o único que lamentava ter matado — na verdade, o único de seus crimes que ele lamentava. Dickie Greenleaf, um americano bem de vida (para aquela época), que morava em Mongibello, na costa oeste da Itália, tinha feito amizade com ele, lhe oferecera hospitalida-

de, e Tom tinha sentido respeito e admiração por ele, talvez até demais. Dickie se voltara contra ele, Tom ficara ressentido, e sem planejar muito apanhara um remo e matara Dickie uma tarde, quando os dois estavam sozinhos num pequeno barco. Morto? É claro que Dickie estava morto todos esses anos! Tom amarrara uma pedra no corpo dele e o empurrara para fora do barco, e o corpo afundou — bem, em todos esses anos Dickie não havia emergido, e por que haveria de emergir agora?

Franzindo o cenho, Tom caminhou devagar pelo quarto, olhando para o tapete. Percebeu que estava um pouco nauseado, e respirou fundo. Não, Dickie Greenleaf estava morto (aquela voz não era a de Dickie, mesmo), e Tom vestira a roupa e os sapatos de Dickie, usara o passaporte de Dickie por algum tempo, mas mesmo isso logo teve um fim. O testamento informal de Dickie, escrito por Tom, fora considerado válido. Portanto, quem estava tendo a audácia de trazer o assunto à baila outra vez? Quem sabia, ou se incomodava a ponto de remexer na sua antiga associação com Dickie Greenleaf?

Tom teve que ceder à náusea. Sempre que achava que ia vomitar, não conseguia se controlar. Isso já tinha acontecido. Curvou-se sobre o assento levantado da privada. Felizmente saiu apenas um pouquinho de líquido, mas seu estômago doeu por alguns segundos. Apertou a descarga, depois escovou os dentes na pia.

Danem-se os filhos da mãe, não importa quem sejam, pensou Tom. Teve a sensação de que havia duas pessoas na linha agora há pouco, não os dois falando, mas um falando e outro ouvindo, daí a hilaridade.

Tom desceu e encontrou madame Annette na sala carregando um vaso de dalias, provavelmente depois de trocar a água. Ela enxugou o fundo do vaso com um pano e colocou-o no aparador. “Vou sair por uma meia hora, madame”, disse Tom em francês, “caso alguém telefone.”

“Sim, senhor”, respondeu ela, seguindo com suas atividades.

Madame Annette trabalhava para Tom e Héloïse havia vários anos. Seu quarto e banheiro ficavam do lado esquerdo,



quando se chegava em Belle Ombre, e ela tinha sua televisão e seu rádio. A cozinha também era seu domínio, aonde se chegava por um pequeno hall, saindo dos seus aposentos. Tinha sangue normando, olhos azul-claros e pálpebras puxadas nos cantos. Tom e Héloïse gostavam dela, já que ela gostava deles, ou parecia gostar. Tinha duas grandes amigas na cidade, madames Geneviève e Marie-Louise, também governantas, e as três alternavam suas noites de folga assistindo à TV na casa de uma ou de outra.

Tom pegou na varanda sua tesoura de podar e colocou-a numa caixa de madeira que, oculta num canto, servia para guardar esses objetos. Era mais conveniente pô-la na caixa do que ir até a estufa, que ficava no fundo do jardim, à direita. Tirou uma jaqueta de algodão do armário da frente, e certificou-se de que ali estava seu porta-notas com a carteira de motorista, mesmo para este curto passeio. Os franceses gostam de fazer batidas na estrada, usando policiais de fora, portanto implacáveis. Onde estava Héloïse? Talvez no quarto dela, escolhendo roupas para a viagem? Que bom que Héloïse não tinha atendido o telefone quando aqueles canalhas ligaram! Com certeza não tinha, senão teria vindo imediatamente até o quarto dele, intrigada, fazendo perguntas. Mas Héloïse nunca fora intrometida, e os assuntos profissionais de Tom não a interessavam. Se percebia que um telefonema era para ele, desligava de imediato, não às pressas, mas como se nem pensasse no assunto.

Héloïse conhecia a história de Dickie Greenleaf, até tinha ouvido falar que Tom era suspeito (ou já tinha sido), disse ele tinha certeza. Mas ela não fazia nenhum comentário, nenhuma pergunta. Decerto ela e Tom precisavam minimizar as atividades questionáveis dele, suas viagens frequentes por motivos inexplicáveis, a fim de aplacar Jacques Plissot, o pai de Héloïse. Era fabricante de produtos farmacêuticos, e o casal Ripley dependia em parte da sua generosa mesada para sua filha única. A mãe, Arlène, era ainda mais discreta que Héloïse quanto às atividades de Tom. Mulher esguia e elegante, parecia esforçar-se para tolerar os jovens, e gostava de dar à filha, ou a qualquer

pessoa, dicas sobre os cuidados com a casa, com os móveis, e, sobretudo, economia, parcimônia.

Esses detalhes passaram rápido pela cabeça de Tom enquanto ele dirigia o Renault marrom em velocidade moderada para o centro da cidade. Eram quase cinco horas da tarde. Como é sexta-feira, Antoine Grais poderia estar em casa, pensou, mas talvez não, se tivesse passado o dia todo em Paris. Era arquiteto, e tinha dois filhos adolescentes. A casa que David Pritchard disse ter alugado ficava atrás da residência dos Grais, e assim Tom virou à direita numa certa rua em Villeperce: podia dizer que ia passar pela casa dos Grais para dar um alô ou coisa assim. Tom vinha dirigindo pela reconfortante rua principal da cidade, com seu correio, um açougue, uma padaria e o café, que era mais ou menos tudo em que consistia Villeperce.

Ali estava a casa dos Grais, quase escondida atrás de uma barraca que vendia castanhas. Era uma casa redonda, em forma de torreão militar, agora quase toda coberta por uma trepadeira de rosas cor-de-rosa. Os Grais tinham garagem e Tom viu que a porta estava fechada, o que significava que Antoine ainda não tinha chegado para o fim de semana, e que Agnès e talvez as duas crianças estavam fazendo compras.

Agora a casa branca — não a primeira que se via, mas a segunda. Tom divisou-a através de algumas árvores, do lado esquerdo. Engrenou a segunda. A estrada, onde cabiam exatamente dois carros, agora estava deserta. Havia poucas casas no lado norte de Villeperce, e a área em torno tinha mais campinas do que terras cultivadas.

Se os Pritchard tinham lhe telefonado havia quinze minutos, poderiam estar em casa, pensou. Poderia pelo menos ver se estavam tomando sol nas espreguiçadeiras junto ao lago, que devia ser visível da estrada. Um gramado verde que precisava ser aparado ficava entre a rua e a casa branca, e um caminho de lajotas ia da entrada dos carros até a escadinha da varanda. Havia também alguns degraus no lado da varanda que dava para a rua, perto do lago. Grande parte do terreno ficava atrás da casa, pelo que Tom se lembrava.

Tom ouviu risos, decerto de mulher, talvez misturados com risadas masculinas. Sim, e vinha da área do lago entre Tom e a casa, uma área quase escondida por uma cerca viva e algumas árvores. Viu então o lago de relance, viu cintilar na água os raios de sol, e teve a impressão de ver duas figuras deitadas na grama, mas não tinha certeza. Uma figura masculina estava em pé, um homem alto, de calção vermelho.

Tom acelerou; Sim, aquele era David em pessoa; Tom teve noventa por cento de certeza.

Será que os Pritchard conheciam seu carro, o Renault marrom?

“Senhor Ripley?” A voz veio longínqua mas clara.

Tom continuou dirigindo na mesma velocidade, como se não tivesse ouvido nada.

Que coisa mais chata, pensou. Tomou a próxima entrada à esquerda e chegou em outra ruazinha com três ou quatro casas, e terras cultivadas do outro lado. Esse era o caminho de volta ao centro da cidade, mas Tom virou à esquerda para entrar numa rua que ficava em ângulo reto com a rua dos Graís e chegar novamente até a casa em forma de torreão. Mantinha sempre a mesma velocidade tranquila.

Viui a caminhonete branca dos Graís na entrada da casa. Não gostava de aparecer sem telefonar, mas talvez com a notícia dos novos vizinhos pudesse arriscar-se a quebrar a etiqueta. Agnès Graís estava tirando dois sacos de compras do porta-malas quando Tom se aproximou.

“Alô, Agnès. Quer uma ajuda?”

“Seria ótimo! Oi, Tom!”

Tom segurou os dois sacos de compras, enquanto Agnès tirava outras coisas da caminhonete.

Antoine já levava uma caixa de água mineral para a cozinha, e os dois adolescentes tinham aberto uma garrafa grande de Coca-cola.

“Salve, Antoine!”, disse Tom. “Eu estava por perto, resolvi dar uma passada. Tempo bonito, não?”

“É sim”, disse Antoine em sua voz de barítono, que por ve-

zes fazia seu francês parecer russo para Tom. Estava de short, tênis, meias, e uma camiseta de uma tonalidade de verde da qual Tom especialmente não gostava. Antoine tinha cabelos negros ondulados e sempre alguns quilos a mais. “Quais são as novidades?”

“Não muitas”, disse Tom, colocando os sacos na mesa.

A filha dos Grais, Sylvie, já começara a guardar as compras com ar experiente.

Tom recusou um copo de Coca-cola ou de vinho. Logo o cortador de grama de Antoine, que funcionava com benzina e não eletricidade, ia começar a zunir, imaginou Tom. Antoine era superdiligente em seu escritório em Paris e em Villeperce. “Como vão seus inquilinos de Cannes este verão?” Continuavam todos na grande cozinha.

Os Grais tinham uma vila em Cannes que Tom não conhecia, e a alugavam em julho e agosto, os meses em que podiam conseguir a melhor renda.

“Eles pagaram adiantado, mais um depósito pelo telefone”, respondeu Antoine, e deu de ombros: “Acho que está tudo bem”.

“Vocês têm vizinhos novos por aqui, sabiam?” Tom fez um gesto na direção da casa branca. “Um casal de americanos, creio — ou vocês já estão sabendo? Não sei há quanto tempo eles estão por aqui.”

“Nã-ã-o”, disse Antoine, pensativo. “Na casa *ao lado*, não.”

“Não, é na casa detrás dessa. A grande.”

“Ah, a que está à venda!”

“Ou para alugar. Acho que eles alugaram. O nome dele é David Pritchard. Está com a mulher. Ou...”

“Americanos”, disse Agnès, pensativa. Tinha ouvido a última parte. Fez uma pequena pausa, colocando uma alface na gaveta da geladeira. “Você encontrou com eles?”

“Não. Ele...” Tom resolveu prosseguir. “O homem falou comigo no café. Quem sabe alguém disse a ele que eu sou americano. Achei melhor contar a vocês.”

“Têm filhos?”, perguntou Antoine, juntando suas sobranças negras. Antoine gostava de sossego.

“Não que eu saiba. Acho que não.”

“E eles falam francês?”, perguntou Agnès.

Tom sorriu. “Não tenho certeza.” Se não falavam, pensou, os Graís não iam querer conhecê-los e os desprezariam. Antoine Graís queria a França para os franceses, mesmo se os forasteiros fossem temporários e apenas alugassem uma casa.

Conversaram sobre outras coisas, a nova caixa de adubo que Antoine ia fazer no fim de semana. Vinha num kit que estava no carro. Antoine estava indo bem com seu trabalho de arquitetura em Paris, e contratara um auxiliar que ia começar em setembro. É claro que não ia tirar férias em agosto, mesmo com o escritório vazio em Paris. Tom pensou em contar aos Graís que estava indo para o Marrocos com Héloïse, mas resolveu não fazê-lo já. Por quê?, perguntou-se. Talvez decidira inconscientemente não ir? De qualquer forma, haveria tempo para telefonar aos Graís e informá-los, como bom vizinho, que ele e Héloïse ficariam fora talvez duas ou três semanas.

Quando se despediu, depois de convites de ambos os lados para fazer uma visitinha e tomar um vinho ou um café, Tom teve a sensação de que falara dos Pritchard para os Graís sobretudo para sua própria proteção. Pois o telefonema supostamente de Dickie Greenleaf não fora um tipo de ameaça? Decididamente sim.

Os filhos dos Graís, Sylvie e Edouard, chutavam uma bola de futebol preta e branca no gramado da frente quando Tom saiu com seu carro. O garoto lhe deu adeus.